869.9
C8692s
198-

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
STACKS

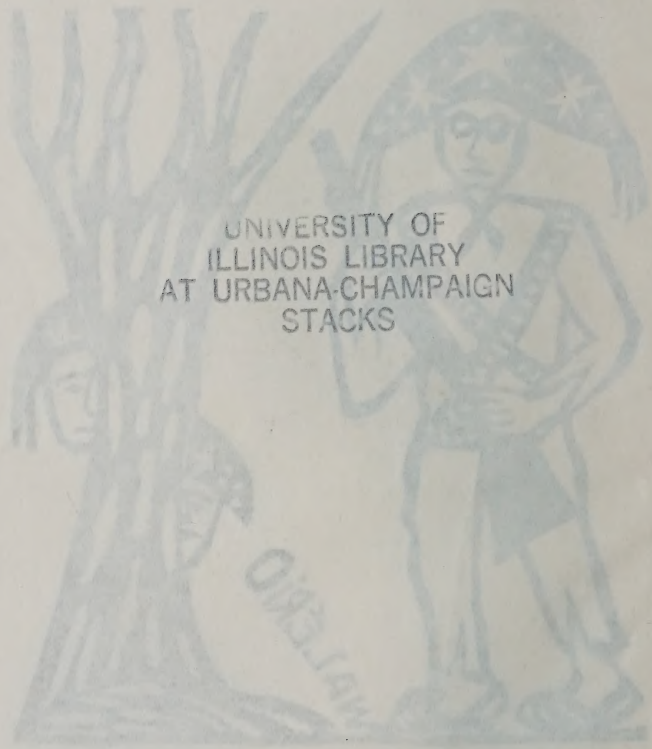
Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of Illinois Urbana-Champaign

https://archive.org/details/osertaoeosertane00cris

69.9
8692s
98-

Autor: José Severino Cristóvão

O SERTÃO e o SERTANEJO



UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
STACKS

869.9
C8692a

198- O SERTÃO E O SERTANEJO

2.a edição

Os primeiros Sertanejos
Viveram no sofrimento
Quando não existia carro
O transporte era jumento
Hoje o velho sertão chora
Com o seu dismatamento

Com o seu dismatamento
Pois veio desaparecer
As belezas do sertão
Que agente podia ver
E as vezes acontece assim
Anos e anos sem chover

Quando fica sem chover
O lavrador si retira
O pequeno fazendeiro
Apertado ele si vira
Alimentando seu gado
Com facheiro e macambira

Na terra da macambira
O desgosto lá si pôs
Nas estradas agente ver
Os velhos carros de bois
O presente vem na frente
O passado vem depois

Not Selected for Humanities Preservation Project

José Severino Cavalcante

O antigo carro de boi
é da antiga tradição
Foi o primeiro carro
Que rodou no meu sertão
E foi o primeiro transporte
Da remota geração

Do sertanejo e do sertão
A saudade é demais
Lá da terra de vovô
E da infância de meus pais
Terra de homem onesto
Que não tinha maginais

É a terra de meus pais
é do homem justiceiro
é a terra do pequeno
E do grande fazendeiro
é a terra que dá valor
Ao bom poeta violeiro

é a terra do fazendeiro
Que da poesia é fã
é a terra da peitica
Dá corúja e da cauã
Da cobra de viado
E das belezas do amanhã

No sertão uma amanhã
é as belezas de Jesus
Em todas as cidades
Do sertão hoje tem luz
Da hera do cangaço
Aqui a colá uma cruz

Se ver em cada cruz
O retrato da traição
Daquele tempo agitado
De coroné e Lampião
Que comandava o cangaço
Nas colunas do sertão

O homem lá do sertão
Nunca mostrou fracaço
O bregeiro é na foice
Sertanejo é no balaço
Sul ficou para cana
Sertão para cangaço

é a terra do cangaço
E do grande calderão
é a terra da coalhada
Do vaqueiro e do gibão
é a terra dos Pereiras
E do famoso Lampião

Tem lugar no sertão
Creia como esteja vendo
Ainda cedo do dia
Se ver anoitecendo
Dando assim um parecer
Da natureza morrendo

Do sertão estou sabendo
Não é ruim pra si viver
Hoje tem barragem
E o mobral pra si aprender
Mais toda vida foi assim
Anos e anos sem chuver

Ainda hoje agente ver
Coisa de superstição
Casa velha abandonada
Nas colunas do sertão
Nas pedras marcas de bala
Do rifre de Lampião

No meu velho sertão
Acabaram com os siganos
Mataram os passarinhos
Que tinha canto serranos
E as matas que se criaram
Com a passagem dos anos

ÁRVORES SERTANEJAS

No sertão tem calumbir
Tem velame e arueira
Tem o pé da barriguda
Tem o pau burra leiteira
Tem alastrado e faxeiro
Barauna e quixabeira

Tem catingueira rasteira
Tem angico e tem jucá
Tem gogoia e seriguéla
Tem incó e tem cajá
E nas magens dos rios
Tem ramos de ingá

Tem mandacarú e jucá
Tem o pé de pitombeira
Nos galhos da barauna
Tem ninho do ferreira
E tem aripuá depindurado
Nos galhos da quixabeira

Tem o pé da cajazeira
Eu afirmo sem enganos
Tem sipó de largatixa
Tem espinho de siganos
Tem mororó e agaróba
E melão de São Caetano

Tem espinho de sigano
Tem incó e tem juá
Tem espinho carrapixo
Tem agaróba e tem jucá
Espinho mandacaru
Macambira e cravatá

«UMA SÊCA NO SERTÃO» EM 8 PÉS DE QUADRÃO

Sertão de boa gente
Sertão da sêca ardente
Aonde o sol é tão quente
Que mata a vergetação
Uma sêca no sertão
Sêca açude mata grama
E peixe morre na lama
Nos 8 pés de quadrão

Peixe morre na lama
E o sertanejo reclama
O sertão perdendo a fama
Parece uma provação
Da grande sequidão
Tem açude arrembado
E um sertão dismatado
Nos 8 pés de quadrão

No sertão dismatado
O homem paga o pecado
Boi come faxeiro assado
Por empregado e patrão
Com uma sêca no sertão
Disaparece o dinheiro
Seca açude e barreiro
Nos 8 pés de quadrão

Com medo de banduleiro
Vai embora o fazendeiro
Vai embora o vaqueiro
Em cima de caminho
Deixaram no casarão
Um carro de boi quebrado
E o terreno abondonado
Nos 8 pés de quadrão

Vi carro de boi quebrado
Coisa do passado
Pelo o dono abandonado
Ver um velho fugão
No antigo casarão
Do saudoso fazandeiro
Que acoitava cangaceiro
Nos 8 pés de quadrão

UM INVERNO NO SERTÃO

Porem no mês de janeiro
Nosso Deus verdadeiro
Deu inverno justiceiro
Para o povo do sertão
Era chuva e trovão
Deichava barreiro cheio
Rio correndo sem freio
Nos 8 pés de quadrão

Porem a chuva veio
Deixando barreiro cheio
Rio correndo sem freio
Melhorando meu sertão
Dava cada um trovão
De segundo em segundo
Parecia o fim do mundo
Nos 8 pés de quadrão

Parecia o fim domundo
Com o inverno pessado
Deixa açude arrombado
Por todas região
Quando dar um trovão
Desse corisco sem freio
Abrindo pau no meio
Nos 8 pés de quadrão.

Cristóvão

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
869.9 C8692S198 C001
Sertao e o sertanejo /
3 0112 089142324